



UNIVERSIDADE
CANDIDO
MENDES

cesc Centro
de Estudos
de Segurança
e Cidadania

MÍDIA E VIOLÊNCIA

O QUE MUDOU EM UMA DÉCADA?

*Silvia Ramos
Anabela Paiva
Pablo Nunes*

FICHA TÉCNICA

Mídia e Violência

O que Mudou em uma década

Relatório preliminar de análise de jornais impressos

Coordenação:

Silvia Ramos e Anabela Paiva

Coordenação de Pesquisadores, Amostra e Bancos de Dados

Pablo Nunes

Pesquisa – Análise de textos

Daniella Vianna

Kryssia Ettel

Joan Royo Gual

Úrsula Dalcolmo

Gerência Administrativa

Ana Paula Andrade

Apoio

Open Society Foundations – OSF

Fundação Ford

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania - CESeC

Universidade Candido Mendes

Rio de Janeiro, Maio de 2017



FORD
FOUNDATION



OPEN SOCIETY
FOUNDATIONS

SUMÁRIO

4 Mídia e Violência: O que mudou em uma década?

7 A cobertura da violência urbana em números

11 A geografia da violência na mídia

13 Que “local” das cidades é muito coberto?

15 Foco Central: As estrelas do noticiário

16 Forças de Segurança

19 Atos Violentos

20 Judiciário, Ministério Público, Legislação

21 Questões da Sociedade Civil

21 Questões de Trânsito

22 Drogas

22 Fenômeno da Violência

22 Políticas de Segurança Pública ou Setor Público

23 Sistema Penitenciário e Sistema Socioeducativo

23 Estatísticas e Pesquisa

25 Questões Jornalísticas

26 Fontes: dependentes de B.O.

28 Atores Sociais

29 Qualidade dos textos

30 Atributos, indícios de qualidade

33 Imagens da violência: edição evita exposição

34 Além do fato: as questões sociais relacionadas à violência

35 Títulos: o que quer, o que pode essa língua?

36 Palavras: o que não mudou em uma década

MÍDIA & VIOLÊNCIA

O que mudou em uma década?

Que assuntos são mais cobertos diariamente nos jornais impressos sobre violência urbana e que temas são tratados com menor interesse ou são esquecidos? Os jornais do Rio de Janeiro cobrem notícias sobre São Paulo na mesma proporção em que os jornais paulistas abordam fatos ocorridos no RJ? As notícias mais frequentes são sobre os crimes ou sobre a polícia? Como criminosos e vítimas são identificados? Os veículos ouvem opiniões divergentes? Quais são as fontes mais frequentes? Falam sobre racismo, orientação sexual, violência contra a mulher, estupro e suicídios? Que palavras são mais encontradas nas matérias?

As respostas a essas e outras perguntas estão neste relatório, que apresenta os resultados da análise da cobertura de sete jornais impressos sobre violência, crime, segurança pública, drogas e violência no trânsito. As notícias foram publicadas entre maio

e setembro de 2015 em três jornais do Rio de Janeiro (*O Globo, Extra, O Dia*), três jornais de São Paulo (*Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e Agora São Paulo*) e um jornal do Ceará (*O Povo*).

As matérias foram selecionadas através da técnica estatística de elaboração de amostras denominada semana composta, que consiste em sorteio aleatório de dias, respeitando a ordem dos dias da semana. Em nossa amostra, foram sorteados 35 dias (representando uma semana de sete dias de cada um dos cinco meses observados). Nos 35 dias sorteados, todas as matérias sobre violência urbana publicadas nos sete jornais foram selecionadas (clipadas) e analisadas².

É importante ressaltar que a pesquisa se baseou nas edições impressas dos veículos, disponíveis em versão digital para os assinantes. Embora vários desses jornais publiquem

¹ Chamaremos esse conjunto de temas de “violência urbana”.

² Cabe ressaltar que não usamos buscas por assuntos ou qualquer método eletrônico para encontrar os textos que seriam analisados. Nossos pesquisadores leram inteiramente todas as seções pertinentes dos jornais analisados e só então separaram para classificação as matérias pertencentes à pesquisa.

mais notícias, muitas vezes em tamanhos maiores, nos seus websites, o monitoramento desse conteúdo envolveria outros recursos e dificultaria a comparação entre eles, em razão das atualizações feitas ao longo do dia. Preferimos, portanto, optar pela análise das notícias recebidas em casa pelos assinantes ou vendidas nas bancas, entendendo que elas constituem uma depuração do noticiário divulgado nos sites.

Cada uma das 1.778 notícias que analisamos foi avaliada a partir de um questionário contendo 45 perguntas e mais de 350 alternativas de resposta³. Essa “anatomia da notícia” produz, potencialmente, um tipo de análise que não é evidente na leitura diária dos periódicos, mesmo entre jornalistas experientes. Sendo a amostra representativa da cobertura, os resultados indicam com precisão tendências sobre escolhas de assuntos, uso de fontes, tipos de recursos mais frequentes e qualidade jornalística da produção diária de cada jornal analisado. Os resultados não se baseiam nas matérias mais marcantes, nos furos ou nas notícias que causaram mais impacto, mas no conjunto da produção dos veículos, com indicações estatísticas rigorosas.

É importante observar que o instrumento de pesquisa que utilizamos assegura grau razoável de imparcialidade e baixa subjetividade dos pesquisadores. Esse método, denominado “análise de conteúdo” tem como um dos seus princípios a formulação

de perguntas sobre os textos, cujas respostas não dependem da interpretação do entrevistador. As perguntas têm respostas objetivas e os classificadores são treinados para escolhê-las a partir de critérios definidos e usados por todos⁴.

É claro que acontecimentos marcantes do período acabam influenciando a cobertura dos jornais e valorizando temas que nem sempre têm presença importante no noticiário sobre violência urbana. Um exemplo desse fenômeno foi o caso da menina Isabella Nardoni. A morte da criança, em março de 2008, motivou uma abundância de reportagens sobre o tema da violência familiar, assunto habitualmente raro nos jornais. Na nossa análise, baseada em jornais de 2015, o assassinato de um médico na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio, em maio, impulsionou o debate público sobre a proposta de emenda constitucional prevendo a redução da maioria penal, examinada pela Câmara dos Deputados.

Esse tipo de metodologia, portanto, não pretende medir “recepção” ou “impacto” das notícias. Por isso, optamos por não classificar matérias como “positivas”, “negativas” ou “neutras”. Por exemplo, como classificar as notícias “Bope mata dois suspeitos em ação no Morro dos Macacos”, ou “Haddad vai entregar praça para viciados da cracolândia”? Obviamente, a chamada pode produzir uma avaliação positiva da polícia e do prefeito para alguns leitores e negativa para outros. É

³ Veja o questionário completo ao fim do relatório

⁴ Veja o Manual de Classificação nos Anexos ao fim desse relatório.

difícil, portanto, medir o impacto que publicações jornalísticas podem ter no leitor ou na sociedade, especialmente na cobertura de crime e polícia.

A análise de conteúdo é também um método diferente da “análise de discurso”, usada com frequência nas ciências sociais. Em resumo, a análise de discurso procura articular o linguístico com o social e o histórico, tomando a linguagem como expressão material de valores e ideologia⁵.

Optamos pela análise de conteúdo por várias razões, mas a principal delas é que o resultado da pesquisa permite conhecer características e estruturas da cobertura e ao mesmo tempo resulta em dados que enriquecem o diálogo com os produtores das notícias. A metodologia do projeto **Mídia e Violência** inclui entrevistas e encontros com jornalistas e editores para discutir os processos de produção do noticiário os resultados da análise.

Ao longo de todo o relatório, o leitor encontrará uma comparação entre os resultados da pesquisa atual, baseada nas matérias publicadas em

2015, e a pesquisa realizada pelo CESeC em 2004, com a mesma metodologia. A comparação dos resultados foi feita com base apenas nos cinco jornais estudados na etapa atual que já tinham sido analisados na primeira pesquisa: *O Globo*, *O Dia*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *Agora São Paulo*. Também foram controlados os assuntos, pois na pesquisa de 2004 não analisamos matérias sobre drogas e violência no trânsito, como fizemos em 2015.

Dessa forma, pudemos comparar com relativa precisão o comportamento de textos sobre os dez assuntos comuns às duas pesquisas: polícia, crime, Judiciário, questões da sociedade civil, políticas de segurança, fenômenos da violência, sistema penitenciário, estatísticas, perfis e segurança privada. Vamos, agora, aos resultados que encontramos ao analisar as publicações de 2015. Em cada capítulo, serão apresentados os dados comparativos.

5 Há outras abordagens de análise de mídia que se tornaram importantes. Entre as mais interessantes, além das mencionadas acima, estão o newsmaking em que o analista fica dentro da redação e procura desvendar mecanismos, lógicas e operações que resultam na produção da notícia. O newsmaking tenta entender as rotinas produtivas dos meios. Esta metodologia permite observar mudanças adotadas pelas redações em épocas de crise, contrariando a ideia de um processo automático da produção noticiosa. Uma discussão detalhada encontra-se no texto *Violência, crime e mídia*, de Silvia Ramos, no livro *Crime, polícia e Justiça no Brasil*, 2014, organizado por Renato Lima e outros.

6 Os principais relatórios e produtos da linha de pesquisa Mídia e violência desenvolvida pelo CESeC encontram-se em <http://www.ucamcesec.com.br/projeto/midia-e-violencia-monitoramento-piloto/>. Em 2007 publicamos o livro *Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007: <http://www.ucamcesec.com.br/livro/midia-e-violencia-novas-tendencias-na-cobertura-de-criminalidade-e-seguranca-no-brasil/>

A pesquisa de 2004 analisou 2.514 textos dos seguintes jornais: *O Globo*, *O Dia*, *Jornal do Brasil*; *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo* e *Agora São Paulo*; *O Estado de Minas*, *Hoje em Dia* e *Diário da Tarde*. A pesquisa de 2015 analisou 1.778 matérias de *O Globo*, *O Dia*, *Extra*; *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Agora São Paulo*; e *O Povo* (do Ceará).

A COBERTURA DA VIOLÊNCIA URBANA EM NÚMEROS

Tabela 1 - Veículos analisados e proporção de matérias

	Jornais analisados (maio a setembro de 2015)	Número de matérias publicadas	Proporção de matérias na amostra
1º	O Dia	374	21,0%
2º	Extra	295	16,6%
3º	Agora São Paulo	262	14,7%
4º	O Povo	247	13,9%
5º	O Globo	216	12,1%
6º	Estado de S. Paulo	202	11,4%
7º	Folha de S. Paulo	182	10,2%
	Total	1778	100 %

Os jornais do Rio são os que mais publicam textos sobre violência urbana. *O Dia* encabeça a lista, com 372 matérias, seguido pelo *Extra* (298) e o *Agora São Paulo* (263). Com 244 textos, o cearense *O Povo* aparece em posição intermediária. *O Globo* publicou 224 notícias no período; os dois jornais de SP aparecem com produção mais reduzida: *O Estado de S. Paulo*, com 201 matérias no período examinado, e a *Folha de S. Paulo*, com 182.

Olhar isoladamente os números de notícias pode levar a avaliações equivocadas sobre a produtividade dos veículos. Alguns jornais publicam muitas notas pequenas (“colunões”), o que aumenta o número geral de matérias, mas não necessariamente implica em uma cobertura sobre violência ur-

ba mais completa do que diários que publicam menos textos, mais abrangentes. Veremos as distinções de tipos de publicações quando tratarmos das características jornalísticas das matérias. A quantidade de textos é, de toda forma, um indicador relevante da importância que cada veículo dá ao tema.

É significativo, portanto, que a soma dos textos publicados pelos três jornais do Rio de Janeiro corresponde a 894 matérias, enquanto a dos três diários de São Paulo é 655. A diferença é de 26,7% e indica que os jornais cariocas efetivamente se dedicam mais ao tema da violência urbana.



DEZ ANOS DEPOIS

Cobertura de violência urbana se reduziu

Tabela 2 - Comparação do número de matérias - 2004 e 2015

Jornais	2004		2015		Redução
O Globo	431	25,1%	197	17,7%	54,3%
Folha	230	13,4%	153	13,7%	33,5%
O Dia	505	29,4%	347	31,2%	31,3%
Estado	245	14,3%	176	15,8%	28,2%
Agora	304	17,7%	240	21,6%	21,1%
Total	1715	100,0%	1113	100,0%	35,1%

Impressiona notar a redução do noticiário sobre violência em relação à pesquisa anterior. Quando comparamos o número de matérias na amostra de 2015 com a de 2004, ambas criadas de maneira idêntica, identificamos um resultado surpreendente: a diminuição de mais de um terço (35,1%) na quantidade de textos publicados.

Todos os jornais diminuíram a quantidade de textos. Mas em alguns a variação foi mais expressiva, como no caso do *Globo*.

O encolhimento dos jornais impressos é uma realidade mundial, causada por fatores como a concorrência da internet e a queda das receitas publicitárias. No caso da presente pesquisa, a crise do setor fez com que alguns dos veículos estudados em 2004 deixassem de ter edições impressas. Esse foi o caso do *Jornal do Brasil*, que

desde 2010 tem versão apenas digital; e do *Diário da Tarde*, periódico de Belo Horizonte que circulou por 77 anos, até ser extinto em 2007.

Um objetivo da atual pesquisa é identificar fatores específicos para a redução da cobertura jornalística de violência urbana. A diminuição do número de textos seria parte de uma tendência ampla, que afeta todas as áreas dos jornais? Ou impactou mais a publicação de notícias sobre violência? Vamos abaixo explorar essas hipóteses.

Nos debruçamos sobre o caso específico do *Globo*, que na amostra de 2015 produziu um número de textos sobre violência 54% menor do que em 2004. Fizemos um estudo alternativo da redução das matérias do *Globo*, baseado no número de páginas dos cadernos Rio, País, Opinião e Mun-

do no período das duas pesquisas. Encontramos uma redução média de 4,6 páginas, ou 19%. Esta redução foi mais acentuada em País (32,7%) e Rio (24,1%); as páginas de opinião aumentaram na proporção de 61,5%.

Tudo indica que a redução no caso do *Globo* não foi específica ou exclusiva da área de violência urbana, embora tenha sido pronunciada em matérias da editoria Rio. Não é possível estabelecer explicações para todos os jornais, mas é provável que a diminuição das páginas impressas tenha ocorrido em outros veículos.

E quanto à hipótese de que a redução da cobertura corresponde à diminuição das ocorrências violentas no País e nos estados de RJ e SP? Vejamos. Para compararmos indicadores de violência no Brasil, no RJ e em SP nos dois períodos, temos de comparar os dados do Mapa da Violência, que agrega homicídios registrados pelo Sistema de Saúde, de 2004; e os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, que passou a circular a partir de 2007.

Efetivamente, as taxas de homicídios no Rio de Janeiro e São Paulo caíram acentuadamente em uma década. No Rio a taxa era 49,2 por 100 mil habitantes em 2004 e passou para 26,4 por 100 mil em 2015. Em São Paulo, foi de 28,6 para 9,8. A taxa do Brasil manteve-se muito alta (27 por 100 mil) porque mortes intencionais explo-

diram em estados do Nordeste e Norte do Brasil. Como veremos a seguir, a cobertura do jornais fluminenses RJ e paulistas não acompanhou a importância desse fenômeno no Nordeste e Norte.

Mas não são apenas as taxas de homicídios que impactam os fenômenos da violência urbana. Os crimes contra o patrimônio, especialmente algumas modalidades, aumentaram na região Sudeste. Além disso, houve histórias importantes ligadas à violência urbana no período entre as duas análises. No Rio de Janeiro, a implantação das UPPs começou em dezembro de 2008, o que provocou redução da violência contra a vida, mas não necessariamente

Tabela 3 - Homicídios no Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro

	2004 ¹⁰		2015 ¹¹	
	No. Absoluto	Taxa	No. Absoluto	Taxa
Brasil	48.374	27,0	55.574	27,2
Rio de Janeiro	7.391	49,2	4.365	26,4
São Paulo	11.216	28,6	4.364	9,8

te provocou redução de notícias, pois as UPPs foram foco intenso de atenção dos meios. Em 2015, já se percebia o início da deterioração do período positivo dos indicadores de segurança, cujo melhor momento ocorreu de 2010 a 2013. Em São Paulo, a explosão de crimes de maio de 2006 explicitou o

¹⁰ Dados do Mapa da Violência de 2010.

¹¹ Dados do Anuário Estatístico do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2016.

¹² No dia 12 de maio daquele ano, uma série de rebeliões em 74 penitenciárias paulistas foi seguida de ataques a policiais, agentes penitenciários, viaturas policiais e delegacias, atribuído ao Primeiro Comando da Capital (PCC). Em resposta aos ataques grupos de extermínio e agentes policiais realizaram execuções em vários pontos do estado. Ao todo, 59 agentes públicos e 50 civis morreram nos ataques.

⁸ Usamos a técnica de semana composta sorteando sete dias respeitando segunda a domingo no período estudado.

⁹ A seção de Opinião também inclui as cartas de leitores

crescente poderio de facções armadas e grupos de extermínio no estado. Há, portanto, fenômenos novos e importantes de violência urbana ao longo da década, que não coincidem necessariamente com um panorama de redução linear da violência, a despeito da queda dos homicídios na região Sudeste do Brasil nesses dez anos.

A GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA NA MÍDIA

Nos anos 1980, um debate foi estabelecido entre cientistas sociais, políticos e profissionais de imprensa. O governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (1983-1986 e 1991-1994), reiteradas vezes associou o crescimento da violência urbana no estado à mídia, tanto no sentido de que os meios exageravam o fenômeno, como por considerar que “a violência e a criminalidade veiculadas pela televisão influem na formação das crianças e no sistema educacional”¹³.

Efetivamente, há quem defenda que a mídia exagera quando se trata da violência no Brasil e especialmente no Rio. Nós já defendemos no livro *Mídia e Violência* (2007) que “exagerada é a violência brasileira”, com seus 58 mil homicídios e 45 mil estupros por ano. Com um milhão de carros roubados em dois anos, 584 mil presos (sendo 40% ainda sem julgamento) e nove mortos pelas polícias brasileiras todos os dias,

difícilmente podemos acusar os jornais de exagerar ao publicar uma pequena parte do cotidiano violento em que vivemos¹⁴. O CESeC acredita que importante não é criticar a proeminência dada ao tema, e sim acompanhar a qualidade da cobertura. Diminuir o número e o destaque das notícias para o tema da violência poderia reduzir o necessário debate sobre as políticas de segurança pública.

Para compreender as dinâmicas de prioridade espacial das notícias, verificamos os focos geográficos das matérias publicadas. E efetivamente encontramos, ainda, uma forte atenção dos jornais de SP pelos fatos acontecidos no RJ. Quando se considera o total da cobertura dos sete jornais analisados, percebe-se que 43% das notícias têm foco no Rio, e só 19,6% em São Paulo. Os jornais do Rio dedicam seus esforços principalmente ao noticiário local: ao todo, 60% das matérias em O

13 Discurso de Leonel Brizola no seminário *Mídia e Violência Urbana*, em julho de 1993 (Sílvia Ramos, Faperj, 1994).

14 Dados do Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2016 (dados de 2015) apresentados na página do CESeC: www.ucamcesec.com.br

Tabela 4 - Local do assunto principal da matéria

UFs	No.	Geral	Globo	Extra	Dia	FSP	Estado	Agora	Povo
RJ	765	43,0%	60,6%	86,4%	69,5%	14,8%	23,8%	9,5%	7,7%
SP	348	19,6%	4,2%	2,7%	3,2%	32,4%	31,2%	69,8%	5,7%
BR (+1UF)	186	10,5%	17,6%	2,7%	9,6%	18,1%	11,4%	3,8%	15,4%
Internacional	169	9,5%	10,6%	2,4%	5,9%	18,7%	22,3%	6,5%	8,5%
CE	141	7,9%	0,0%	0,3%	0,5%	0,5%	0,0%	0,4%	55,1%
NFPI ¹⁵	30	1,7%	0,9%	0,7%	2,7%	3,8%	1,0%	1,9%	0,8%
DF	24	1,3%	0,9%	0,3%	0,5%	2,2%	5,0%	0,8%	1,2%
PR	23	1,3%	2,3%	0,7%	1,3%	1,6%	2,0%	0,4%	1,2%
RS	20	1,1%	0,9%	0,0%	1,6%	1,6%	1,0%	1,9%	0,8%
PI	16	0,9%	0,5%	0,0%	0,8%	1,6%	1,0%	1,5%	1,2%
GO	14	0,8%	0,0%	0,7%	0,8%	2,2%	0,5%	1,5%	0,0%
BA	7	0,4%	0,5%	0,3%	0,5%	0,0%	0,0%	0,8%	0,4%
PE	7	0,4%	0,5%	0,3%	0,3%	0,5%	0,5%	0,4%	0,4%
AM	6	0,3%	0,0%	0,3%	0,5%	0,5%	0,5%	0,0%	0,4%
RO	4	0,2%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%
MG	3	0,2%	0,0%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%
MS	3	0,2%	0,0%	0,0%	0,3%	0,5%	0,0%	0,0%	0,4%
PA	3	0,2%	0,0%	0,7%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
MA	2	0,1%	0,0%	0,3%	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%
RN	2	0,1%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
SC	2	0,1%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
ES	1	0,1%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
SE	1	0,1%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
TO	1	0,1%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total	1778	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Globo abordam fatos ocorridos no Estado; o mesmo acontece em 69% de *O Dia* e em 86% do *Extra*. Em contrapartida, esses veículos dão pouca atenção aos fatos ocorridos em São Paulo: só 4,2% das matérias do *Globo*, 2,7% do *Extra* e 9,6% de *O Dia* tratam da violência urbana na maior cidade do país.

Os jornais paulistas, e s p e c i a l m e n t e *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, seguem uma linha editorial diferente. Notícias do Rio de Janeiro são bastante numerosas entre suas matérias: 23,8% em *O Estado* e 14,8% na *Folha*. O *Agora SP* mantém um “padrão carioca”, cobrindo muito a própria praça (69,8%) e relativamente pouco o Rio (9,5%). O jornal *O Povo*, do Ceará, também prioriza o n o t i c i á r i o sobre o estado nordestino, que abrange 55,1% dos seus textos sobre violência urbana. Na amostra, o diário dedicou uma produção semelhante aos fatos ocorridos no Rio de Janeiro (7,7%

do total) e São Paulo (5,7%).

Na comparação com os resultados de 2004, vemos que o foco no Rio de Janeiro já foi ainda mais intenso. Houve redução da proporção de matérias sobre o Rio na mídia dos dois estados. Em 2004, encontramos 57,8% de matérias sobre o Rio e 28,8% sobre São Paulo.

Chama atenção o fato de que os jornais estudados não apresentam um número significativo de notícias sobre o Norte e o Nordeste, regiões que nos últimos dez anos experimentaram uma explosão da taxa de homicídios e outros fenômenos, como a presença de facções. A redução dos corpos de jornalistas, que tem sido observada, por ser parcialmente culpada por isso: jornais paulistas e cariocas tem fechado sucursais em todo o país, e o Nordeste e o Norte não são exceção.

Dois pontos, ainda, merecem destaque na análise de foco geográfico

co das notícias. O primeiro diz respeito às matérias que abrangem o país ou mais de um estado. Verificamos que alguns periódicos cobrem assuntos nacionais ou com mais de um estado com maior frequência. É caso de veículos de expressão nacional, como *O Globo* (17,6% do total das matérias do jornal analisadas) e *Folha* (18,1%), e regional, como *O Povo* (15,4%). O jornal *Estado de S. Paulo*, apesar de estar associado a uma agência cujo conteúdo é republicado por jornais de todo o Brasil, apresenta um percentual de matérias nacionais e regionais menor do que os três.

O segundo destaque é valorização de notícias sobre violências ocorridas fora do Brasil. No período da pesquisa foram publicadas 169 matérias sobre violência em outros países, a maioria sobre distúrbios, rebeliões e mobilizações da sociedade em cidades norte-americanas em reação a violências policiais contra jovens negros. De novo, foram os jornais formadores de opinião os que mais apresentaram essas notícias: *O Globo* com 10,6%; *Folha* com 18,7%; e *Estado*, com 22,3%⁵

Que “local” das cidades é muito coberto? As favelas e a violência, dilemas de sempre

Outra questão analisada pela pesquisa foi a descrição do local da notícia como uma favela. Em caso positivo, perguntamos se a favela tinha Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Os resultados são expressivos sobre o panorama no Rio de Janeiro. Do total geral de apenas 14% de matérias que se referiam a favelas, nos jornais fluminenses essa proporção aumenta para 27% no *Extra*, 20% em *O Dia* e 16% em *O Globo*. Ou seja, verificamos que quase um terço das matérias produzidas pelo *Extra* referiam-se a algum fato ou assunto relacionado às favelas.

Não foi possível verificar, no caso dos jornais de São Paulo e do Ceará, se o fato ocorria numa favela ou não, por desconhecimento em detalhe sobre o território e também devido a diferenças culturais (nem toda metrópole utiliza a categoria favela, como se faz no Rio de Janeiro). Isso contribuiu para que as frequências de notícias

Tabela 5 - O fato ocorreu em favelas?

	Geral	Globo	Extra	Dia	FSP	Estado	Agora	Povo
Não	82,7%	82,9%	70,8%	74,9%	88,5%	87,6%	90,1%	92,7%
Sim	13,8%	16,2%	27,1%	20,6%	6,6%	8,9%	3,8%	5,3%
NFPI	3,5%	0,9%	2,0%	4,5%	4,9%	3,5%	6,1%	2,0%

15 NFPI significa **Não Foi Possível Identificar**.

sobre favelas nesses jornais sejam expressivamente menores.

Chama atenção o *Agora SP*, que a despeito de ser um jornal de venda em banca, voltado ao público de renda menor, só dedicou 3,8% de matérias a fatos sobre favelas, seguindo a tendência da imprensa paulista, que apresenta uma cobertura sobre as favelas reduzida em relação à carioca.

Entre todas as matérias relacionadas a favelas (245 textos), em 149 casos, ou 61%, a notícia referia-se a uma favela com Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). A predominância se justifica por duas razões: a centralidade da Política de Pacificação no contexto de segurança pública fluminense, e na mídia em particular; e o fato de que as favelas que contam com Unidades de Polícia Pacificadora estão entre as maiores e mais conhecidas do Rio, e mesmo antes da instalação das UPPs já eram prioritárias para a imprensa.

Os resultados, ao nosso ver, confirmam a centralidade das favelas para o tema da criminalidade no Rio de Janeiro e demonstram a priorização desses territórios pelos jornais cariocas, até pela sua localização em áreas afluentes ou estratégicas para a metrópole. A profusão de notícias relacionadas à criminalidade nas favelas pode contribuir para estigmatizar esses bairros como “locais de violência”. Mas parece mais benéfico, no sentido de motivar políticas e ações públicas e da sociedade, do que o silêncio. Vale lembrar que a Baixada Fluminense, campeã em taxa de homicídios ao

longo da última década, tem presença muito reduzida no noticiário. E que o controle dos subúrbios do Rio de Janeiro por forças milicianas, não tem cobertura cotidiana.

Segundo dados do ISP, entre 2008 e 2015, os homicídios ocorridos na Baixada correspondiam a 31,8% do estado, em média; já as matérias sobre esse território identificadas na pesquisa

Esse é um permanente dilema da cobertura – como veremos nas entrevistas com administradores de páginas de internet dedicadas a mídias comunitárias – que também não se “resolveu” no mundo das mídias locais.

Tabela 6 - Número de matérias por regiões do estado de

RMRJ	Rio de Janeiro	634	83,1%
	Baixada Fluminense	42	5,5%
	Niterói	32	4,2%
	São Gonçalo	13	1,7%
	Maricá	4	0,5%
Regiões	Costa Verde	14	1,8%
	Médio Paraíba	8	1,0%
	Norte Fluminense	6	0,8%
	Baixas Litorâneas	5	0,7%
	Serrana	2	0,3%
	Noroeste Fluminense	0	0,0%
	Centro-Sul Fluminense	0	0,0%
	NFPI	31	4,1%

FOCO CENTRAL

As estrelas do noticiário

Figura 1 - Foco central: qual é o principal tema discutido pela matéria (%)



Uma das teorias mais importantes dos estudos de mídia é a do “agendamento”, ou “agendamento”. Mas os meios de comunicação em si não influenciam o agendamento – ou seja, o conteúdo ou às “posições” debate e nas políticas públicas. Ao optar por cobrir muito um tema (ou esquecer outros), os veículos de mídia estão influenciando leitores e autoridades a considerar

determinados assuntos importantes.

Por isso a mensuração do “foco central” das matérias é muito relevante na análise de conteúdo. Ela demonstra quais são os assuntos dominantes nas pautas dos veículos.

No caso da violência urbana, durante muito tempo as “páginas policiais” - também chamadas de páginas de crime e posteriormente de cidade, cotidiano, metrópole etc. - eram dominadas por notícias sobre crimes

da cobertura sensacionalista e fotos apelativas: “espreme e sai sangue”.

Quando investigamos o foco predominante das notícias nos jornais de 2015, não nos surpreende que crime e polícia representem mais de 50% da cobertura. Mas talvez surpreenda o leitor saber que não é o ato criminal, e sim a atuação das polícias, o tema predominante das notícias.

Tabela 7 - Qual é o principal tema discutido pela matéria

Focos Centrais	No.	Geral	Globo	Extra	Dia	FSP	Estado	Agora	Povo
Forças de segurança	607	34,1%	23,6%	45,1%	40,4%	22,0%	29,7%	40,1%	27,1%
Ato violento ou criminoso	387	21,8%	13,9%	26,8%	22,2%	16,5%	19,8%	30,5%	18,2%
Judiciário/MP/Legislação	248	13,9%	18,5%	8,8%	13,9%	17,0%	19,8%	8,8%	14,6%
Questões da sociedade civil	110	6,2%	13,4%	3,1%	5,9%	6,0%	6,4%	3,4%	6,9%
Questões de trânsito	85	4,8%	3,2%	4,4%	4,8%	5,5%	5,4%	3,8%	6,5%
Drogas	79	4,4%	5,6%	0,7%	2,4%	10,4%	7,4%	4,6%	4,0%
Fenômeno da violência	78	4,4%	8,8%	2,4%	4,3%	7,1%	3,0%	1,9%	4,9%
Políticas de segurança pública	78	4,4%	7,4%	3,1%	2,9%	6,6%	3,0%	1,9%	7,7%
Sistema penitenciário/sócio-educativo	67	3,8%	4,2%	3,4%	1,9%	5,5%	3,0%	2,7%	7,3%
Estatísticas ou pesquisas	30	1,7%	0,9%	1,4%	0,8%	3,3%	2,5%	2,3%	1,6%
Segurança privada	5	0,3%	0,0%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%
Perfil	4	0,2%	0,5%	0,7%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total	1778	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

pontuais (assassinatos, brigas, crimes sexuais) e sobre bandidos famosos. O jornalista e escritor Fernando Molicca, em um texto de 2007, lembra que nos anos 1950 e 60 a cobertura de segurança era marcada pelos feitos de personagens notórios do mundo do crime, como “Cara-de-Cavalo”, “Mineirinho” e “Bandido da Luz Vermelha”, ou de casos envolvendo integrantes da elite, pessoas “que tinham sobre nomes”, como Aída Cury, Dana de Teffé, Leopoldo Heitor ou o tenente Bandeira. Alguns casos rendiam semanas ou meses de noticiário. Nessa época dizia-se de muitos periódicos, por causa

Forças de Segurança

As polícias (classificadas como Forças de Segurança, pois incluem Polícia Militar, Polícia Civil, Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Guarda Municipal e Forças Armadas e Força Nacional) são as estrelas do noticiário. Representam mais de um terço de todas as matérias sobre violência, segurança, crime, drogas e violência no

16 Um a expressão correspondente nas descrições sobre noticiário de crime na imprensa norte-americana é “if it bleeds, it leads”.

trânsito, ou seja, 34,1%. Em alguns veículos elas ultrapassam 40% das notícias publicadas, como é o caso do *Extra* (45,1%), de *O Dia* (40,4%) e do *Agora* (40,1%). Ou seja, entre os jornais mais dependentes de venda em banca.

Como se vê na tabela abaixo, a PM é o foco das notícias sobre forças

roubos de veículos e roubos de caixas eletrônicos, e obviamente em parte do tráfico de drogas), pouquíssimo esforço de inteligência tem sido realizado neste campo no Brasil. O noticiário é uma evidência que confirma essa percepção. As Polícias Militares, responsáveis pela repressão e prevenção do

Tabela 8 - Forças de Segurança

Forças	No.	Geral	Globo	Extra	Dia	Folha	Estado	Agora	Povo
PM	263	43,3%	34,6%	50,0%	41,7%	52,5%	40,0%	45,7%	34,3%
PC	184	30,3%	38,5%	33,3%	29,1%	10,0%	31,7%	28,6%	34,3%
NFPI	74	12,2%	11,5%	6,1%	12,6%	15,0%	11,7%	18,1%	13,4%
PF	37	6,1%	5,8%	3,0%	6,0%	10,0%	8,3%	2,9%	13,4%
Mais de uma força	27	4,4%	3,8%	5,3%	6,6%	7,5%	1,7%	1,9%	3,0%
FFAA	15	2,5%	5,8%	0,8%	4,0%	5,0%	3,3%	0,0%	1,5%
GM	6	1,0%	0,0%	1,5%	0,0%	0,0%	3,3%	1,9%	0,0%
Força Nacional	1	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%	0,0%

de segurança em 43% dos casos, chegando a 52% na *Folha de S. Paulo* e 50% no *Extra*. A PF é a força principal em apenas 6% das matérias, chegando a 10% na *Folha* e 13% no *Povo*. Importante lembrar que essas matérias não incluem notícias sobre “corrupção”, isto é, crimes de colarinho branco, mas apenas crimes comuns, isto é, criminalidade urbana. A alta frequência da Polícia Militar no noticiário e baixa da Polícia Federal é um indicativo do quanto a atuação das forças – e, em consequência, da imprensa –, no campo da criminalidade se dá mais no âmbito local do que no regional e federal¹⁷.

A despeito do enorme peso das facções criminais na violência urbana, da presença de crime organizado (por exemplo, em roubos de cargas,

crime junto à população e especialmente nas áreas populares, são predominantes, seguidas pelas Polícias Cíveis estaduais.

Ao pesquisarmos os temas principais dentro das matérias cujo foco central são

as polícias, verificamos que as “ações policiais” – prisões, apreensões, operações – são a maioria dessas matérias (66%), chegando a mais de 70% no *Povo* e *Agora*. As notícias de crimes (ou denúncias de crimes) cometidos pelas polícias estão no segundo lugar, mas com apenas 13%. A *Folha de S. Paulo* é um ponto fora da média dos impressos, pois 35% de sua cobertura sobre polícia diz respeito a crimes cometidos por essas forças. Em terceiro lugar, vêm as notícias de crimes cometidos contra as polícias (7,2%).

A maioria das notícias de crimes cometidos pelas forças de segurança refere-se a homicídios onde policiais são suspeitos de assassinar alguém (45 das 79 notícias sobre crimes cometidos pelas polícias são sobre mortes provocadas pelos agentes, ou seja, 57%).

Chama a atenção o fato de que apenas 11 notícias dizem respeito à corrupção

¹⁷ Vale ressaltar que os crimes de colarinho branco, campo de forte atuação da PF, não são objeto desse estudo

policial – o que indica pouca capacidade dos jornais em chegarem a esses fatos.

Ao pesquisarmos os temas principais dentro das matérias cujo foco central são as polícias, verificamos que as “ações policiais” – prisões, apreensões, operações – são a maioria dessas matérias (66%), chegando a mais de 70% no *Povo* e *Agora*. As notícias de

11 notícias dizem respeito à corrupção policial – o que indica pouca capacidade dos jornais em chegarem a esses fatos.

Uma queixa comum entre policiais, de baixo e alto escalão, é a frequência dos ataques da imprensa. “A mídia só bate na gente”, costumam dizer. Diante da constatação de que um terço das matérias do noticiário

Tabela 9 - Principal temática das Forças

	No.	Geral	Globo	Extra	Dia	Folha	Estado	Agora	Povo
Ação policial	403	66,4%	60,8%	67,7%	68,9%	45,0%	61,7%	72,4%	70,1%
Crime cometido pelas forças	79	13,0%	9,8%	9,0%	12,6%	35,0%	15,0%	12,4%	10,4%
Crime cometido contra as forças	44	7,2%	3,9%	10,5%	5,3%	2,5%	6,7%	8,6%	9,0%
Disciplina/Punição/Corregedoria etc.	21	3,5%	3,9%	3,0%	1,3%	2,5%	8,3%	5,7%	1,5%
Greve/ Reivindicações salariais/ Questões corporativas	11	1,8%	0,0%	3,8%	2,6%	0,0%	0,0%	0,0%	3,0%
Utilização das Forças Armadas no combate à violência urbana	9	1,5%	3,9%	1,5%	1,3%	2,5%	3,3%	0,0%	0,0%
Equipamentos	9	1,5%	2,0%	1,5%	0,7%	5,0%	1,7%	1,0%	1,5%
Outros	9	1,5%	3,9%	0,0%	2,6%	2,5%	1,7%	0,0%	1,5%
Inteligência policial	8	1,3%	5,9%	0,8%	1,3%	0,0%	1,7%	0,0%	1,5%
Questões de contingente	7	1,2%	0,0%	1,5%	2,0%	2,5%	0,0%	0,0%	1,5%
Relações/Atividades Comunitárias	7	1,2%	5,9%	0,8%	1,3%	2,5%	0,0%	0,0%	0,0%

crimes (ou denúncias de crimes) cometidos pelas polícias estão no segundo lugar, mas com apenas 13%. A *Folha de S. Paulo* é um ponto fora da média dos impressos, pois 35% de sua cobertura sobre polícia diz respeito a crimes cometidos por essas forças. Em terceiro lugar, vêm as notícias de crimes cometidos contra as polícias (7,2%).

A maioria das notícias de crimes cometidos pelas forças de segurança refere-se a homicídios onde policiais são suspeitos de assassinar alguém (45 das 79 notícias sobre crimes cometidos pelas polícias são sobre mortes provocadas por pelos agentes, ou seja, 57%). Chama a atenção o fato de que apenas

da violência urbana tem como foco central as polícias e que, entre esses textos, quase 70% são sobre ações policiais, concluímos que a reclamação não é sustentada pela análise dos dados. Pelo contrário, poucos setores públicos (saúde, educação, transporte, habitação etc.) contam uma cobertura igualmente cotidiana e abundante sobre as ações de seus agentes – notícias que, em geral, podem ser interpretadas como positivas, por mostrar os agentes em atividade, em combate à criminalidade. Com exceção da *Folha de S. Paulo*, as notícias sobre crimes cometidos pela polícia são muito inferiores. Talvez o incômodo

dos policiais com relação à mídia se baseie no impacto das notícias em que policiais aparecem no noticiário como autores de desvios. Essas notícias costumam ter destaque e de fato tem grande capacidade de contaminar a imagem do resto da corporação.

Certo é que a percepção dos policiais de uma mídia antagônica contribui para dificultar a comunicação das polícias com a imprensa e a sociedade. De modo geral é possível afirmar que as forças de segurança – com exceção possivelmente da Polícia Federal – ainda aproveitam pouco e mal o interesse espontâneo do público e dos meios de comunicação sobre suas ações.

Atos Violentos

Os crimes são o segundo assunto mais frequente na cobertura de violência urbana, aparecendo como foco central de 387 matérias, que correspondem a 21,8% da cobertura, ou um quinto do total da amos-

Tabela 10 - Atos Violentos

	No.	Porcentagem
Homicídio	102	26,4%
Roubo	83	21,4%
Outros	42	10,9%
Tiroteio/confrontos	41	10,6%
Lesão corporal	40	10,3%
Bala perdida	14	3,6%
Chacina	12	3,1%
Estupro	12	3,1%
Sequestro	10	2,6%
Tortura ou linchamento	9	2,3%
Discriminação	6	1,6%
Ameaça	5	1,3%
Furto	4	1,0%
Suicídio	4	1,0%
NFPI	5	1,3%

tra. As notícias sobre atos violentos têm mais destaque em alguns veículos e chegam a 30,5% no *Agora* e 26,8% no *Extra*. Os crimes mais noticiados são os homicídios; a seguir, os roubos.

Ao investigar como são qualificadas vítimas, agressores e testemunhas, verificamos que em 82,2% das matérias sobre crime há descrição de sexo e idade das vítimas; em 74,9%, há descrição de agressores; e em 25,8%, de testemunhas. Também observamos que em 45,5% das notícias há menção ao uso de arma de fogo, confirmando a intensa presença de armas na criminalidade urbana. Em 68% das notícias há descrição da cena do crime.

Tabela 11 - Características dos agressores

	No.	Sim	Não
Classe Social	1	0,3%	99,7%
Cor/Raça	9	2,3%	97,7%
Opção Sexual	4	1,0%	99,0%
Descrições do Corpo	9	2,3%	97,7%
Identificação do agressor	54	14,0%	86,0%

Quando testamos se há menção de classe social, cor ou opção sexual de agressores, vemos que as proporções em que isso acontece são extremamente baixas. A identificação de agressores pelo nome só ocorre em 14% das matérias sobre crimes. Esses dados demonstram que os veículos que analisamos, de modo geral, evitam reforçar preconceitos e estigmas, ao silenciar sobre classe, cor e opção sexual de pessoas noticiadas como agressores de atos violentos a não ser que sejam crimes motivados por ódio sexual ou racial.

Há enorme contraste quando as matérias têm foco geográfico interna-

cional. Descobrimos que de 43 notícias com foco em “crime” de origem internacional, 13,9% informavam a cor/raça do agressor e 4,6%, da vítima. Nas notícias sobre crime no Brasil, apenas 0,7% mencionavam a raça do agressor e 0,5%, a da vítima. Também são mais frequentes nas notícias sobre fatos no exterior expressões como “jovem negro”, “adolescente negro”, “adolescente branco” ou “racismo”. Essas palavras aparecem em 8,3% das matérias sobre crime com foco internacional e em apenas 0,5% dos textos nacionais. A comparação mostra que ainda impera um silêncio quase sepulcral sobre o viés racial de criminosos e vítimas de crimes – quando a violência é “brasileira”. Voltaremos a esse assunto.

Judiciário, Ministério Público, Legislação

Uma surpresa da nova edição da pesquisa Mídia e Violência foi o grande número de notícias sobre ações do Judiciário, do Ministério Público, Defensorias ou do Legislativo. Ao todo, foram 248 matérias, ou 13,9% no conjunto dos textos analisados – o terceiro lugar entre as categorias de foco central estudadas. O destaque é para os jornais formadores de opinião, onde essas notícias aparecem em segundo lugar, na frente dos atos violentos, como é o caso do *Estado* (19,8%), *Globo* (18,5%) e *FSP* (16,5%). Como veremos à frente, uma grande mudança em relação ao observado em pesquisas

anteriores.

Como mencionamos antes, é importante lembrar que nesse período dois fatos estimularam a cobertura desse tema pelos impressos. O primeiro foi a tentativa de votação, na Câmara de Deputados, à época presidida por Eduardo Cunha (PMDB-RJ), de emenda dedicada à redução de idade de imputabilidade criminal. O segundo foi o assassinato de um médico na Lagoa Rodrigo de Freitas, um dos bairros mais ricos – e seguros – da Zona Sul do Rio de Janeiro, possivelmente por um ou dois adolescentes. Verificamos que em 32,5% a maioria penal foi o tema dentro do foco.

Ainda mais numerosas foram as notícias com foco em decisões de juízes, julgamentos ou habeas corpus (35,5%). Condenação, absolvição e libertação de presos respondem por 11,3% das notícias dentro desse grupo. A seguir aparecem outros assuntos em proporções reduzidas, como pedidos do Ministério Público (12 matérias), audiências de custódia (4), Defensoria (3), tornozeleiras eletrônicas (2), etc.

Em suma, o destaque para a Justiça e o Legislativo na cobertura de violência urbana é uma bem vinda mudança a ser mencionada, em contraste à escassez de notícias sobre esse tema nos periódicos há dez anos. A discussão sobre essas instituições, seus mecanismos e instrumentos é fundamental para acompanharmos como a sociedade lida com crimes e delitos.

Questões da Sociedade Civil

Outra surpresa é a aparição do item Questões da Sociedade Civil em quarto lugar, com 110 matérias, correspondendo a 6,2% do noticiário. Neste quesito, *O Globo* (13,4%) e *O Povo* (6,9%) ficaram acima da média geral, demonstrando um interesse especial pelas reações da sociedade aos fenômenos de violência. Por outro lado, *Extra* (3,1%) e *Agora São Paulo* (3,4%) publicaram matérias relacionadas a questões da sociedade civil em proporção expressivamente menor que a média.

Um terço das matérias desse foco referem-se a protestos sobre violência e corrupção policial (30%). Outros temas são movimentos sociais (28,2%), protestos em geral contra a violência (28,2%) e mobilizações contra o racismo (6,4%). Mas chama a atenção que quase um terço das matérias dentro desse foco (32 notícias em 110) referem-se a protestos ocorridos no exterior, frequentemente por casos ligados à violência policial. A presença do movimento Black Lives Matter e rebeliões em várias cidades do EUA suscitaram matérias dos nossos periódicos associando violência policial nos EUA à luta de jovens negros contra o racismo. Nesse período houve manifestações contra a morte de um jovem em Charleston, na Carolina do Sul, e sobre morte de jovem morto em Ferguson, no Missouri, um ano antes.

Questões de Trânsito

Esta é a primeira vez que o tema da violência no trânsito é incorporado aos estudos do CESeC sobre violência urbana e mídia. Nossa intenção é verificar se esta agenda, que ganhou mais proeminência nos últimos anos no Brasil, foi incorporada às pautas dos jornais. Segundo o Mapa da Violência de 2016, baseado nos dados do SUS, houve 43 mil mortes no trânsito no Brasil no ano de 2014.

Verificamos que os sete jornais estudados publicaram 85 notícias, que representam apenas 4,8% de tudo que os jornais produzem sobre o assunto. *O Povo* ultrapassa a média, com 6,5% e *Folha* e *Estado* também se colocam ligeiramente acima da média, com 5,5% e 5,4%.

A maioria absoluta das notícias desse foco foi sobre acidentes (75,3%), mas houve outros temas tratados, como legislação, estatísticas e políticas de trânsito (22,4%). Nós esperávamos que a produção fosse mais expressiva. Principalmente porque o noticiário combinou casos de mortes em estradas e cidades com discussões e polêmicas sobre como regular o trânsito para torná-lo menos violento.

Drogas

Os jornais produziram 79 matérias sobre drogas (4,4%). Vale ressaltar que essa categoria não inclui notícias sobre apreensão de drogas e violência relacionada ao tráfico, que foram incluídos nos focos Forças de Segurança e Ato Criminoso. Nosso interesse, nesta rodada de 2015, foi verificar o quanto a imprensa tem participado do debate sobre a revisão da legislação sobre drogas, motivado pela percepção, em círculos cada vez mais amplos, da ineficácia da política de guerra às drogas. Será que esses temas, que vem sendo tratados em blogs, páginas de redes sociais e sites jornalísticos, estariam presentes na cobertura dos jornais diários? Apesar da presença reduzida de notícias sobre o foco, quando comparada aos outros temas, a mudança parece ser sensível em relação ao passado – ainda que não tenhamos dados numéricos para comprovar, pois essa questão não estava na análise anterior.

O destaque fica com a *Folha de S. Paulo*, reservou 10,4% da cobertura de violência urbana para matérias sobre drogas. O *Estado* deu 7,4% e o *Globo*, 5,6%. A maioria das notícias desse foco foi sobre políticas de drogas (54,4%) seguido de notícias sobre tráfico (11,4%) e depois por pesquisas (10,1%). Importante observar que ao longo dos últimos anos alguns jornais têm tomado posição, em editoriais, sobre o tema da legalização das drogas.

Tanto os veículos do grupo Info-Globo, como os da *Folha* e *Estado de S. Paulo* se manifestaram favoráveis a uma revisão da legislação no sentido de tratar do problema das drogas menos como casos de crime e polícia e mais como problemas da área de saúde. Em nossa pesquisa, 45,6% das matérias sobre drogas mencionava alguma experiência internacional.

Fenômeno da Violência

Uma pequena parcela de 4,4% das matérias foi classificada dentro desse foco. São notícias sobre causas, soluções ou consequências dos fenômenos da violência urbana. Essas matérias podem se basear em um caso específico, mas precisam apresentar uma abordagem mais abstrata do tema. Muitas vezes estão nos cadernos de opinião, onde um especialista ou articulista do jornal desenvolve teorias ou explicações para a violência, enquanto fenômeno. Entre as 78 matérias classificadas nesse foco, o *Globo* tem forte destaque, com 8,8%; em seguida, vem a *Folha de S. Paulo*, com 7,1%. Efetivamente, 34 das 78 matérias sobre fenômeno da violência eram artigos assinados, editoriais ou notas de colunas.

Políticas de Segurança Pública ou setor público

Ao classificar reportagens e artigos por este foco, a pesquisa pre-

tende identificar textos dedicados a questões relacionadas à elaboração, modificação e a qualidade de políticas de segurança pública. Ao todo, 78 matérias, que representaram 4,4% do total de matérias clipadas, foram identificadas. O jornal *O Povo* mostrou maior interesse neste debate, já que reservou 7,7% da sua produção sobre violência urbana para essa análise estrutural. O resultado é condizente com a história do veículo – vale lembrar que *O Povo* mantém uma coluna dedicada à segurança pública. O carioca *O Globo* também investiu mais no tema, dedicando 7,4% das suas matérias ao foco; na *Folha de S. Paulo*, o índice foi de 6,6%.

Sistema Penitenciário e sistema socioeducativo

Em um país com uma população carcerária de mais de 622 mil pessoas, a quarta do mundo, e com um sistema penitenciário e socioeducativo precário e conturbado, apenas 67 matérias foram publicadas nos sete jornais sobre prisões ou sobre unidades para adolescentes. As matérias representam apenas 3,8% de tudo que foi publicado.

Esse resultado surpreende, especialmente quando o colocamos em contraste com a enxurrada de notícias sobre prisões e sistema penitenciário após os massacres ocorridos em Rorai-

ma, Manaus e Maranhão, no início de 2017. Uma justificativa para a cobertura limitada é o fato de que no período não houve rebeliões ou crises intensas em unidades prisionais; como a maior parte da cobertura é factual, a escassez de notícias foi o resultado.

Mesmo os diários formadores de opinião parecem funcionar desta forma ciclotímica, pautando intensamente assuntos relacionados a acontecimentos chocantes e depois deixando-os de lado, como se tivessem sido “resolvidos”. Alguns jornais, entretanto, discutiram com mais frequência esse tema importante e tão esquecido: *O Povo* foi o que publicou mais sobre o sistema penitenciário e socioeducativo: os dois assuntos somaram 7,3% de sua cobertura; a *Folha de S. Paulo* dedicou a ele 5,5% das suas matérias.

Estatísticas e Pesquisa

Um total de 30 matérias teve como foco central pesquisas produzidas por diversas fontes: sociedade civil organizada, autarquias, fundações e órgãos do poder executivo, IBGE. É pouco e representa apenas 1,7% do conjunto. Como veremos, ao tratar de qualificação das matérias, isto não significa que um número tão reduzido de publicações utilize fontes estatísticas ou estudos. Significa apenas que estudos e pesquisas raramente se destacam no noticiário como o assunto principal.



DEZ ANOS DEPOIS

Crime e polícia, ainda a base da cobertura

A partir desses dados iniciais, verificamos que as ações das polícias e os atos criminosos continuam dominando o noticiário de violência urbana. Mas isto ocorre de forma desproporcional entre os veículos. Os jornais baseados em venda em banca cobrem mais esses dois temas: *O Dia* dedica a eles 63% de sua cobertura; *Agora São Paulo*, 71% e *Extra*, 72%. Nos jornais formadores de opinião, o cardápio de notícias é mais amplo e os dois temas são menos dominantes: no *Estado de S. Paulo*, 50%; no *Povo*, 45%; na *Folha de S. Paulo*, 38%; e no *Globo*, 37%.

Em compensação, a tendência se inverte quando olhamos a cobertura sobre drogas ou trânsito. Especialmente se consideramos a soma das matérias que

Tabela 12 - Focos Centrais resumidos

	No.	Geral	Globo	Extra	Dia	FSP	Estado	Agora	Povo
Forças + Ato violento	994	56%	37%	72%	63%	38%	50%	71%	45%
Fenômenos + Políticas + Estatísticas + Sociedade Civil	296	17%	30%	10%	14%	23%	15%	9%	21%
Judiciário ou Ministério Público ou Legislação	248	14%	18%	9%	15%	17%	20%	9%	15%
Questões de Trânsito	85	5%	3%	4%	5%	5%	5%	4%	6%
Drogas	79	4%	6%	1%	2%	10%	7%	4%	4%

em geral fogem do factual e demandam contextualização, como Fenômenos da Violência, Questões da Sociedade Civil, Políticas de Segurança e Estatísticas: nesses, *O Globo* lidera, com 30%, seguido pela *Folha de S. Paulo*, com 23%; *O Povo*, com 21%; *Estado de S. Paulo*, com 15%; *O Dia*, com 14%; *Extra*, com 10%; e *Agora São Paulo*, com 9%.

A manchete mais positiva sobre os veículos pesquisados na rodada de 2015 é a entrada expressiva na pauta de

Tabela 13 Foco central - Comparação 2004 e 2015

	Pesquisa de 2004		Pesquisa de 2015	
	No.	%	No.	%
Forças de segurança	706	41,2%	408	36,7%
Ato violento/criminoso	635	37,0%	262	23,5%
Sistema penitenciário/Sócio-educativo	125	7,3%	39	3,5%
Judiciário/Ministério público/Legislação	64	3,7%	186	16,7%
Políticas de segurança pública	58	3,4%	50	4,5%
Fenômeno da violência	48	2,8%	59	5,5%
Questões da sociedade civil	39	2,3%	84	7,5%
Estatísticas/pesquisas	25	1,5%	22	2,0%
Perfil	12	0,7%	2	0,2%
Segurança privada	3	0,2%	1	0,1%
Total	1715	100%	1113	100%

temas relacionados ao Judiciário, Ministério Público e Legislação, mostrando uma ampliação da cobertura dos meios de comunicação, que passou a monitorar e debater mais essas instituições

O predomínio das notícias sobre segurança e crime era ainda mais forte em 2004, quando os dois temas somavam 78,2% do conjunto das matérias analisadas. Na época, a presença de textos sobre Judiciário, Ministério Público e Legislação era de apenas 3,7%, é de 16,7% hoje.

As matérias sobre Fenômenos da Violência passaram de 2,8% para 5,5% e sobre Questões da Sociedade Civil de 2,3%, para 7,5%. O aumento de notícias sobre esses temas e sobre o Judiciário, Ministério Público e Legislação, associado à redução de notícias sobre Forças de Segurança e Ato Violento indica uma cober-

QUESTÕES JORNALÍSTICAS

tura mais equilibrada e contextualizada. Segundo o depoimento de jornalista durante muito tempo a editoria de crime era a menos valorizada das redações. Nela, trabalhavam jornalistas especializados, mas com menos acesso a cursos e formação; a fonte policial era onipresente; o noticiário, predominantemente factual, ocupava-se basicamente de relatar o crime de ontem. Isso mudou. Desde os anos 1990, quando o agravamento da crise de segurança levou o tema a tornar-se uma preocupação de toda a sociedade brasileira, a cobertura de violência urbana começou lentamente a tornar-se mais parecida com a de outros temas relacionados às cidades, como saúde e educação. Aumentou muito o número de reportagens investigativas e contextualizadas, cresceram os artigos e análises, os dados ganharam mais destaque.

É justamente para investigar

como vem se dando esse processo de qualificação que incluímos na nossa pesquisa questões sobre o fazer jornalístico, como fontes, atores mencionados, tipo de matéria e atributos dos textos. Neste sentido, os resultados dessa parte da pesquisa podem, potencialmente, ser comparados a levantamentos sobre quaisquer outros temas publicados nos jornais impressos (Economia, Internacional, Política, Meio Ambiente etc.). Os resultados a seguir permitem aferir o investimento de recursos humanos e materiais e o cuidado envolvido na produção de notícias sobre crime, segurança pública, drogas e violência no trânsito.

18 Para ler os depoimentos, consulte o livro “Mídia e violência: Novas tendências na cobertura de segurança e criminalidade”, disponível em <http://www.ucamcesec.com.br/>

Fontes: dependentes de B.O.

“Dependentes de B.O.” foi o título do capítulo do livro *Mídia e Violência*, publicado há dez anos, ao tratar das fontes jornalísticas presentes nas matérias. Na época, mostramos que o jornalismo de segurança pública era extremamente dependente das informações policiais. Uma situação que pouco se alterou.

Nesta rodada da pesquisa, a fonte mais ouvida foi NFPI – ou Não Foi Possível Identificar. Isto é, em 26,4% das matérias analisadas a fonte não estava declarada – quase sempre, em razão do texto ser muito curto; apenas uma nota. A segunda fonte

mais ouvida foi a polícia (25,1%). Como inferimos que na maioria esmagadora das notícias sem fonte a origem da informação era a polícia, na prática isto quer dizer que mais de 50% das matérias foram baseadas apenas em relatos ou documentos policiais.

Em segundo lugar, aparecem os integrantes do Poder Executivo (representantes de secretarias estaduais e municipais, etc.) citados em 9,8% dos textos; vítimas, familiares e amigos das vítimas foram fontes principais das notícias em 8%.

Tabela 14 - Fontes das matérias - Comparação 2004 e 2015

Fontes	2004	2015	Fontes	2004	2015
Polícia	31,4%	23,3%	Associações	1,2%	---
NFPI	26,9%	26,7%	Legislativo Federal	1,0%	3,4%
Executivo Estadual	6,1%	9,9%	Especialistas	1,0%	3,5%
Familiares da vítima	5,8%	8,4%	Empresas (não estatais)	1,0%	1,8%
Vítimas	5,3%	--	Organizações Sociedade	0,9%	2,7%
Outros	4,2%	1,5%	Legislativo Estadual	0,7%	--
Testemunhas	2,4%	1,3%	Universidade	0,7%	--
Executivo Federal	2,0%	--	Pessoas "comuns"	0,7%	2,5%
Criminosos/suspeitos	1,8%	1,1%	Organismos Internacionais	0,5%	0,6%
Judiciário	1,7%	5,1%	Conselhos	0,4%	0,5%
Ministério Público	1,6%	2,3%	Vizinhos	0,4%	1,7%
Executivo Municipal	1,2%	--			

19 O dado inclui as várias corporações policiais.



DEZ ANOS DEPOIS

Ainda dependentes da polícia

Quando comparamos 2004 com 2015, verificamos que matérias cuja fonte principal eram a Polícia Militar, Polícia Civil e outras forças correspondiam a 31,4% e passaram a ser 23,3%, uma redução de 8,1%. A redução se torna menos expressiva se somamos esses textos aos textos cujas fontes não são identificadas (NFPI). Em 2004, esse conjunto equivalia a 58,3% de todos os textos publicados. Considerando esse total, a redução é muito pequena depois de uma década.

Essas proporções se alteram para cada jornal, mas não ao ponto de mudar as fontes predominantes. No entanto, algumas chamam a atenção e parecem indicar opções editoriais dos veículos. No *Agora São Paulo*, 38,9% dos textos não tem fontes identificadas. Como veremos, o *Agora* publica diariamente diversas notas – os chamados “colunões” – nos quais falta espaço para declarar explicitamente a fonte. O jornal com a menor proporção de NFPI foi *O Globo*, com 14,8%.

Em alguns veículos, a fonte policial superou ligeiramente as fontes não identificadas. É o caso do *Globo*, com 15,3% das matérias atribuídas a forças de segurança, e do *Povo*, com 28,7% (contra 27,1% de NFPI).

O Extra, *Agora SP* e *O Dia*, jornais de venda em banca, buscaram fontes do Executivo muito menos do que *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo* e

O Povo. Por fim, chama a atenção a ausência completa de especialistas como fontes no *Extra*. Em compensação, esse veículo ouviu vítimas, amigos e familiares em 11% dos textos, enquanto *O Povo* só o fez em 2,8%.

Além das 26,7% de matérias sem fonte, verificamos que 33,1% apresentam uma fonte; 17,9%, duas; e 22,3%, mais de duas fontes. Ao mesmo tempo, descobrimos que apenas 266 matérias entre as 1.778 analisadas apresentavam opiniões divergentes, isto é, somente 15%. Os dados chamam a atenção, por mostrar que a imprensa não vem conseguindo seguir recomendações do bom jornalismo, como a apresentação de mais de um ponto de vista, na grande maioria das suas matérias sobre violência urbana.

Além disso, a comparação sobre o percentual de matérias com mais de uma fonte mostrou algum esforço de qualificação do noticiário, mas ainda pouco satisfatório: em 2004, apenas 34,7% apresentavam mais de uma fonte; em 2015, esse total chegou a 42,2%.

A comparação sobre a presença de opiniões divergentes nos textos mostra que essa recomendação jornalística continua a ser mais exceção do que regra: matérias que mostravam “os dois lados” das questões totalizavam 11% em 2004 e passaram a 16% em 2015. *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* foram os que se destacaram nesse quesito.

20 Na tabela comparativa das principais fontes em 2004 e 2015 nem todas as fontes têm equivalência nas duas pesquisas pois alteramos ligeiramente a identificação de alguns atores sociais.

Atores Sociais

Também levantamos quais os atores sociais citados nas matérias. Neste caso, não era necessário que esses atores aparecessem como fontes da informação; bastava que seus nomes fossem citados na reportagem ou artigo. O questionário permitia a escolha de diversos atores para o mesmo texto. Os resultados confirmam a percepção de dependência dos jornais das fontes policiais e oficiais: a polícia era citada em 69% dos textos; o Executivo em 38,1%; o Judiciário em 19,9%; o Legislativo em 13,4%; o Ministério Pú-

blico e a Defensoria em 8,8%. Pesquisadores e especialistas foram mencionados em 7,9% dos textos. Moradores só foram citados em 4,6% das matérias – um dado que indica o abismo entre o mundo dos jornais impressos e o das redes sociais, onde os moradores têm forte presença como fontes ou atores sociais nas notícias sobre violência urbana.

Tabela 15 - Fonte principal da matéria

Fonte principal	No.	Geral	Globo	Extra	Dia	FSP	Estado	Agora	Povo
Fonte não identificada	469	26,4%	14,8%	27,1%	27,5%	20,3%	25,7%	38,9%	27,1%
Polícia (Federal ou Estadual)	447	25,1%	15,3%	34,2%	29,4%	17,0%	12,9%	28,6%	28,7%
Executivo (Federal, Estadual, Municipal)	174	9,8%	11,1%	6,1%	8,0%	13,7%	12,9%	8,8%	11,3%
Vítimas/familiares/ amigos	142	8,0%	13,4%	11,2%	8,3%	5,5%	7,9%	6,1%	2,8%
Judiciário/ Justiça Militar	94	5,3%	5,1%	3,1%	5,1%	8,8%	6,9%	2,7%	7,3%
Especialistas/pesquisadores	65	3,7%	8,3%	0,0%	1,9%	8,2%	5,0%	1,5%	4,5%
Legislativo (Fed., Est., Mun.)	61	3,4%	6,5%	2,0%	3,2%	3,8%	4,5%	0,8%	4,5%
Pessoas “comuns”	43	2,4%	3,2%	1,4%	3,5%	2,2%	4,5%	1,1%	1,2%
MP/Defensoria	35	2,0%	2,8%	1,4%	1,9%	2,7%	3,5%	1,1%	1,2%
Organizações da sociedade	35	2,0%	4,6%	1,0%	1,3%	2,2%	1,5%	2,7%	1,2%
Empresas	31	1,7%	2,3%	1,4%	0,8%	3,3%	0,5%	2,7%	2,0%
Outros	29	1,6%	0,9%	1,4%	1,3%	2,7%	2,0%	1,1%	0,4%
Vizinhos / moradores	29	1,6%	1,9%	2,4%	2,9%	1,6%	0,5%	0,4%	1,2%
Advogados/ OAB	27	1,5%	3,2%	1,0%	1,1%	1,1%	4,0%	0,4%	0,8%
Testemunhas	24	1,3%	0,9%	2,7%	1,3%	0,5%	2,0%	1,1%	0,4%
Suspeitos/familiares de suspeitos	19	1,1%	0,9%	2,0%	0,3%	0,5%	2,5%	1,1%	0,4%
Conselhos/ sindicatos	11	0,6%	1,4%	0,3%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	1,6%
Organismos Internacionais	11	0,6%	0,9%	0,0%	0,5%	1,6%	0,0%	0,0%	1,6%
Imprensa	10	0,6%	1,4%	0,3%	0,3%	1,6%	0,5%	0,0%	0,4%
Organismos governamentais de pesquisa	9	0,5%	0,5%	0,3%	0,3%	1,1%	1,5%	0,0%	0,4%
Forças Armadas	6	0,3%	0,5%	0,0%	0,3%	1,1%	0,5%	0,4%	0,0%
Guarda Municipal	4	0,2%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	1,0%	0,4%	0,0%
Agentes do Sistema de Aprisionamento	3	0,2%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%

Qualidade dos textos

Desde as primeiras investidas nas análises de mídia, decidimos fugir da contagem de centímetros dos textos analisados, método adotado com alguma frequência em pesquisas das décadas de 1980 e 1990. Na nossa opinião, o tamanho não traduz integralmente a relevância atribuída aos temas pelos veículos. Um editorial, uma coluna assinada e uma reportagem podem ter a mesma centimetragem e importância bastante diferente. Um colunão

dendo a 65,6% dos textos. Em segundo lugar, perfazendo um quarto de tudo que se publica, aparecem os colunões (25,3%). Artigos assinados vêm em terceiro lugar, mas com presença reduzida, correspondendo a 3,1%. Colunas assinadas por articulistas fixos do diário) são raras (1,6%); entrevistas, notas em colunas de notas (como Painel, Ancelmo etc.) e Editoriais somam apenas 1,3% dos textos.

O manual da *Folha de S. Paulo* define assim os colunões: “Recurso editorial usado na Folha para reunir notícias que não demandem mais do que nove linhas impressas, seu tama-

Tabela 16 - Tipos de textos

	No.	Geral	Globo	Extra	Dia	FSP	Estado	Agora	Povo
Reportagem	1167	65,6%	78,2%	69,8%	66,0%	69,2%	64,2%	54,6%	59,1%
Colunão	449	25,3%	4,6%	28,5%	23,5%	14,8%	30,3%	44,3%	25,5%
Artigos assinados	62	3,5%	7,9%	0,0%	4,3%	4,4%	2,0%	0,0%	6,9%
Colunas	29	1,6%	2,8%	0,3%	1,3%	4,4%	0,0%	0,0%	3,6%
Entrevista	24	1,3%	3,2%	0,3%	1,1%	2,2%	2,5%	0,4%	0,8%
Notas de colunas assinadas	24	1,3%	1,9%	1,0%	2,4%	1,1%	0,0%	0,0%	2,4%
Editoriais	23	1,3%	1,4%	0,0%	1,3%	3,8%	1,0%	0,8%	1,6%

e uma nota numa coluna assinada de muito prestígio e visibilidade – que às vezes pauta os jornais – também podem ter tamanhos parecidos. Usamos outra estratégia para tentar identificar o grau de importância e o cuidado dos jornais na cobertura de violência urbana. Combinamos análises sobre tipo de matéria com a observação sobre o uso de atributos e recursos relacionados ao texto, como chamada na primeira capa fotos, gráficos, boxes, citação de dados etc.

As reportagens são campeãs destacadas nas páginas, c o r r e s p o n -

nho-padrão. Como todas as notas curtas, as suas têm alto índice de leitura. Não devem, portanto, ser encaradas como vala comum da edição, destino do que não coube na parte “nobre” das páginas. É também no cuidado com esses supostos “detalhes” que um jornal se distingue.”

A cobertura sobre violência urbana parece dar uso privilegiado a essas notícias curtas. Raras na seção de Política, elas são muito utilizadas para informar sobre serviços, inclusive

21 O único jornal analisado a manter na sua edição impressa uma coluna dedicada exclusivamente à Segurança Pública foi *O Povo* (a coluna sai de 15 em 15 dias, sempre às segundas-feiras).

nas editorias de Economia (com informações sobre impostos e câmbio, por exemplo); Internacional, Turismo, Esporte e Cultura. Alguns jornais reúnem várias notas, sobre variados assuntos, numa única página (“Breves”, no *Povo*; “Folha corrida”, na *Folha de S. Paulo*).

O uso muito frequente dos colunões pode indicar um jornalismo menos contextualizado e aprofundado. O veículo campeão no uso desse recurso é o *Agora SP*. Em formato de tabloide, ele recorre aos colunões para publicar uma grande variedade de notícias em um pequeno espaço. No caso, a seção “Nas ruas”, que conjuga duas ou três reportagens (algumas originadas por seus repórteres e outras, da *Folha de S. Paulo*) encabeçadas por três notas que, dessa forma, “abrem” diariamente a diagramação da página. Dependendo das reportagens, pode haver outros colunões abaixo, na página.

Uma surpresa é o fato de que 30,3% dos textos do *Estado de S. Paulo* clipados foram colunões. O Estado publica pouco sobre violência urbana (aparece na penúltima posição, com 210 matérias publicadas no período analisado, representando 11,7% do peso dos jornais) e quase um terço de suas publicações é composto de pequenas notas.

Tabela 17 - Comparação dos tipos de textos - 2004 e 2015

Tipos de textos	2004	2015
Reportagem	67,5%	65,6%
Colunão	29,1%	25,8%
Artigos assinados	1,1%	3,1%
Colunas	0,3%	1,7%
Notas de colunas assinadas	0,5%	1,5%
Editoriais	1,2%	1,2%
Entrevista	0,2%	1,1%

O *Globo* reduziu expressivamente o número de colunões (correspondia a 14,4% em 2004 e a apenas 5,1% em 2015). O *Agora SP* manteve o formato de tabloide que já tinha em 2005 e foi o jornal que reduziu menos o número de matérias sobre violência: apenas 21,1%.

A avaliação do tipo de texto, revela, também, que ainda é muito restrita a presença de textos analíticos, como editoriais, artigos e colunas. As colunas noticiosas assinadas também dedicam pouca atenção à cobertura de violência urbana. Aparentemente, temas relacionados à segurança, drogas e criminalidade ainda não são prioritários para articulistas, editorialistas e colunistas, grandes formadores de opinião e influenciadores da agenda pública.

Atributos, indícios de qualidade

Apesar de ausentes de editoriais e artigos, a cobertura de violência urbana é destaque nos jornais. *Globo*, *Extra*, *Dia*, *Folha* e *Agora* chamam entre 16% e 25% das matérias na primeira página. O percentual é maior nos veículos de venda em banca, possivelmente pelo interesse que o tema desperta nos leitores. No *Extra* esse recurso é usado mais intensamente: um quarto de todas as matérias publicadas sobre violência urbana pelo jornal vão para a página mais importante.

Tabela 18 - Atributos das matérias

	Sim	Globo	Extra	Dia	FSP	Estado	Agora	Povo
Primeira página (chamada e/ou manchete)	19,0%	16,2%	25,4%	22,2%	19,2%	14,4%	18,7%	13,0%
Box informativo	15,0%	20,4%	18,3%	14,4%	16,5%	13,9%	9,5%	12,6%
Ilustração	1,5%	2,8%	0,3%	1,6%	4,9%	0%	1,5%	0%
Gráfico/quadro/mapa	5,3%	6,5%	3,7%	2,4%	11,5%	6,4%	3,1%	7,3%
Box de opinião (análises)	4,6%	5,1%	2,4%	4,8%	4,4%	9,9%	3,1%	2,8%
Não possui nenhum	63,4%	56,9%	60,0%	64,7%	53,3%	65,8%	70,6%	69,6%

O *Estado* (14,4%) e *O Povo* (13%) usam esse recurso em menor proporção.

Boxes informativos são usados em 15% dos textos. O recurso é um indicador de reportagens contextualizadas, já que o box geralmente serve para detalhar algum aspecto do texto principal, relatando antecedentes do fato; explicando informações técnicas; ou apresentando o local ou os personagens da matéria. *O Globo* usou o recurso em 20,4% dos textos que publicou; o *Agora SP*, em apenas 9,5%. O jornal *Extra* usou o box em 18,3%, bem mais do que o *Estado*, por exemplo. Esse número pode estar relacionado ao projeto editorial do jornal, que favorece dividir uma reportagem longa em um texto principal e outros curtos.

Ilustrações foram usadas em 13,7% dos casos, geralmente em artigos ou para valorizar matérias em que

as fotos não estão disponíveis ou não teriam o mesmo valor didático. Gráficos (ou quadros ou mapas) foram usados em 5,3% dos casos; e boxes de análise ou opinião estão presentes em 4,6% dos textos – o que compensa a pequena presença da violência urbana em editoriais e artigos.

Importante dizer que uma mesma matéria pode ter um ou mais recursos simultâneos: chamada na primeira página, box de opinião e gráfico, por exemplo. Por isso, quando verificamos a proporção geral de publicações sem nenhum recurso encontramos 63,4%. Os jornais que publicam mais textos pequenos, tipo “colunões”, naturalmente apresentam percentuais mais altos de “nenhum recurso”, como o *Agora* (70,6%), *Estado* (65,8%) e *O Dia* (64,7%).



DEZ ANOS DEPOIS

O quanto a imprensa investe na cobertura

Tabela 19 - Comparação de aspectos da qualificação das matérias - 2004 e 2015

2004	GERAL	Globo	FSP	Dia	Estado	Agora
Cita Estatísticas	4,9%	9,7%	9,6%	0,8%	5,3%	1,0%
Usa fotos ou Ilustração	35,9%	32,3%	28,3%	44,0%	32,2%	36,2%
Chamada de Primeira Página	7,0%	5,8%	5,2%	9,3%	4,1%	8,6%
2015	GERAL	Globo	FSP	Dia	Estado	Agora
Cita Estatísticas	8,4%	13,2	17,6	4,0	10,2	3,8
Usa fotos ou Ilustração	54,4	66,5	52,9	57,9	54,5	40,0
Chamada de Primeira Página	18,1	15,7	19,0	22,2	13,6	16,7

Se, como destacamos, ilustrações, chamadas, gráficos e boxes são usados para valorizar as matérias, o grande número de textos sem qualquer desses atributos confirma o fato de que a cobertura ainda é dominada por textos factuais e pouco contextualizados.

Comparamos, por exemplo, a presença de dados e estatísticas nos textos de 2004 e 2015. Houve evidente melhora, ainda que informações numéricas continuem escassas. Passaram de 4,9% a 8,4%.

As fotos ou ilustrações, que estavam presentes em 35,9% das matérias, agora aparecem em mais da metade (54,4%). Um aumento que pode estar relacionado à diminuição dos colunões.

Chamadas na primeira página ocorriam em apenas 7% dos casos em 2004; agora ocorrem em 18,1%, o que mostra valorização do tema da violência urbana e segurança pública

Os dados confirmam a impressão geral de que as publicações sobre violência urbana melhoraram de qualidade, ainda que possam estar longe de constituir um acervo que se caracteriza pela complexidade e abrangência.

Imagens da violência: edição evita exposição

Diferentemente da internet, os veículos impressos enfrentam limitações de espaço, mais sérias ainda com a redução de páginas verificadas nos jornais. Ao lado da presença forte dos colunões, isso explica que apenas 40,8% das matérias publicadas tinham fotografias.

O levantamento mostrou claramente que a publicação de fotos nos jornais analisados segue procedimentos para evitar explorar a violência pelas imagens. Olhando as fotografias, é possível inferir que a maior parte da imprensa superou a era do sensa-

dáveres mutilados na capa. A rejeição a esse tipo de imagem chegou a motivar o Ministério Público a entrar com uma ação, em 2009, que resultou na proibição dos três principais jornais do Pará – *Diário do Pará*, *O Liberal* e *Amazônia* – de publicar imagens de acidentes e vítimas de crimes.

Nos jornais analisados, é raro encontrar fotos de cadáveres. Quando publicadas, em geral mostram o corpo de longe ou coberto. Não são exibidos ferimentos ou mutilações. Uma exceção são os casos de agressão física, como espancamentos. Nessas notícias, é comum a publicação de fotos das vítimas exibindo as marcas no corpo.

Os jornais chamados populares – e principalmente os “jornais populares de qualidade”, segundo expressão usada por alguns pesquisadores para

Tabela 20 - Fotografias nos textos

	Geral	Globo	Extra	Dia	FSP	Estado	Agora	Povo
Possui foto	40,8%	46,8%	49,5%	43,3%	37,9%	44,1%	30,9%	31,6%
Usa recurso para proteger fotografado	5,9%	6,9%	9,6%	6,8%	2,9%	1,1%	8,6%	1,3%
Exibe pessoas mortas	1,4%	2,0%	2,1%	1,2%	0,0%	0,0%	2,5%	1,3%
Exibe ferimentos ou deformações	2,1%	3,0%	3,4%	1,9%	0,0%	0,0%	2,5%	2,6%

cionalismo agressivo e declarado tão comum na cobertura de crime até os anos 1980. Um ícone do jornalismo popular, famoso pelo uso de imagens gráficas de cadáveres e feridos, o *Notícias Populares*, de São Paulo, fechou em 2001; e *O Povo*, do Rio de Janeiro, que tinha a mesma proposta, reformulou sua linha editorial em 2006. Em entrevista na época da mudança editorial, o editor do jornal carioca disse que “os leitores estão saturados desse tipo de cobertura”, referindo-se a fotos de ca-

caracterizar diários como *O Dia*, *Extra*, *Agora São Paulo* – e os novos jornais “locais” do interior parecem ter adotado o recurso de manchetes irreverentes, chamativas e em alguns casos engajadas e surpreendentes, mas sem uso de fotos aberrantes. O mesmo acontece mesmo em tablóides ainda mais populares, como o *Meia Hora* e *O Expresso*.

22 Veja por exemplo, artigo de Laura Seligman publicado em SBPjor/Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, em 2009.

Vale destacar que a internet tem se encarregado de compensar com folga a restrição da imprensa às imagens violentas: em páginas de redes sociais, blogs e mesmo veículos jornalísticos, é fácil encontrar fotos e vídeos perturbadores em sua violência.

Por fim, é importante ressaltar o uso de recursos de proteção da identidade de entrevistados, indicando observância à estatutos de proteção da criança e do adolescente e percepção da responsabilidade do jornalista em relação à segurança do entrevistado.

Além do fato: as questões sociais relacionadas à violência

No questionário utilizado para a pesquisa, incluímos questões adicionais - junto com análises de atributos jornalísticos apresentadas acima - para tentar aferir a proporção em que os textos apresentavam algum tipo de discussão ou ao menos citavam questões sociais " relacionadas ao do fato. É verdade que essa pergunta pode gerar interpretação um tanto subjetiva

do pesquisador que analisa as matérias. Mas o resultado da verificação em 1.778 textos é muito expressivo do verdadeiro deserto de contextualização que acompanha as notícias. Vale ressaltar que nesta questão era permitido marcar mais de uma opção.

O quadro geral é muito consistente com tudo que verificamos até aqui: praticamente, a ausência de discussões sobre diversidade sexual, violência doméstica e de raça e etnia. Entre os apenas 3,8% dos textos em que as fatores como cor e raça estavam citados ou mesmo analisados, como já vimos, a maioria referia-se a notícias internacionais, que na sua origem já receberam esse enquadre, como as mortes de jovens negros pela polícia, que motivaram tensão racial, manifestações e manchetes explícitas sobre o problema da violência e seu viés racial nos EUA.

O debate mais presente é sobre causas e consequências para a violência - tentativas de investigar e analisar o contexto em que se dão os crimes e atos violentos. Estes aparecem com presença um pouco mais alta (8,6%) e mais nos jornais formadores de opinião (quase 20% no *Globo*), o que também é consistente com a frequência maior

Tabela 21 - Discussões e questões nos textos

	No.	Geral	Globo	Extra	Dia	FSP	Estado	Agora	Povo
Apresenta questões de orientação sexual	14	0,8%	0,0%	0,7%	1,3%	0,5%	1,5%	0,8%	0,4%
Apresenta discussão de violência doméstica	22	1,2%	0,5%	0,7%	2,1%	0,5%	0,5%	0,8%	2,8%
Apresenta questões de gênero	27	1,5%	0,9%	1,0%	1,1%	0,5%	3,0%	0,8%	3,6%
Apresenta questões de raça/etnia	68	3,8%	7,9%	2,0%	1,6%	3,8%	10,4%	1,5%	2,8%
Apresenta soluções/ consequências ou causas para a violência	153	8,6%	19,9%	1,7%	8,8%	13,7%	6,4%	1,9%	11,7%
A matéria possui alguma estatística ou dado	162	9,1%	15,3%	4,4%	4,5%	20,3%	12,4%	3,4%	11,3%
Cita alguma legislação	246	13,8%	19,4%	6,1%	11,0%	24,2%	21,3%	5,7%	17,4%

nesses jornais de matérias de opinião, boxes e colunas assinadas.

Estatísticas e dados estão presentes em 9,1% das matérias e esse é um dado relevante para analisarmos mudanças nos últimos anos, como veremos a seguir.

Por fim, as citações sobre Legislação são relativamente expressivas (14,8%) e sem dúvida resultantes da nova visibilidade para os temas de Justiça nas pautas de crimes e segurança pública. O tema chega a ser presente em quase 20% dos textos nos jornais formadores de opinião.

Títulos: o que quer, o que pode essa língua?

A produção dos títulos é uma etapa importante da edição do texto jornalístico. Elaborado para chamar a atenção do leitor, o título sintetiza e

por vezes comenta o texto, apresentando-o sob um enquadre que valoriza determinados aspectos do fato ou análise. Por isso fizemos um levantamento especial de expressões mais frequentes nas manchetes dos 1.778 textos analisados.

Nosso interesse foi verificar que palavras são usadas agora para comunicar sobre violência urbana na década atual.

Os títulos de matérias sobre violência urbana em 2015 são uma espécie de reino de Thanatos. As notícias de mortes, homicídios e assassinatos são as mais frequentemente citadas nos títulos e estão em primeiro lugar, com 329 menções. Se somamos esses termos às 20 notícias que falam de “chacinas” e aos 74 usos de “mata” e “matado” (“Mãe mata filha de nove anos”; “Adolescente confessa ter atropelado e matado jovem”) chegamos a 423 menções.

Outro assunto extremamente

Tabela 22 - Frequência de palavras usadas nos títulos

Palavras	No.	Palavras	No.
Morto/Morte/Homicídio/Assassinato	329	Menor	26
Preso/Prisão	204	Adolescente	24
Polícia/Policial	188	Bandido	23
Roubo/Assalto/Assaltante	121	Juiz/Julgado/Julgamento	23
PM	129	Criança	22
Tiro/Tiroteio	88	UPP	20
Medo/Terror/Horror/Pânico/Susto	86	Chacina	20
Mata/Matado	74	Moradores/Morador	20
Suspeito	70	Operação	19
Crime/Criminoso	65	Bala	16
Arma	53	Guerra	14
Tráfico/Traficante/Facção/Comando	51	Ladrão	14
Justiça	47	Favela/Complexo/Comunidade	14
Droga	46	Transexual/Travesti	13
Nomes de favelas do Rio de Janeiro	39	Fuzil	10
Apreensão	37	Milícia	10
Investiga/Investigação	37	Negro/Negra	10
Lei	36	Promotoria/Promotor	8
Violência	36	Racismo/Preconceito	7
Maioridade	34	Gay	4
Jovem	29	LGBT	3
Vítima	29	Defensor/Defensoria	3
Ataque	28	Homofobia	1

frequente nos títulos é a polícia (188). Somado ao uso direto da sigla PM (129) e suas ações (prisão, apreensão, investigação, operação e UPP), alcançamos 634 chamadas.

Quando se referem aos criminosos e agressores, os jornais analisados incorporaram preferencialmente nas manchetes a expressão suspeito (70) e bem menos bandido (23). Não encontramos nenhum “vagabundo”.

As armas de fogo aparecem com tiros, tiroteios, fuzis, confrontos, arma e balas, que somam 167 usos.

Finalmente, verificamos um número alto de títulos com palavras como medo, horror, pânico, assusta – ao todo, 86. Somados à palavra violência e ataque, chegamos a 150 destaques que retratam o temor e a tensão na segurança pública.

Palavras: o que não mudou em uma década

Quando trabalhamos com um programa de análise de textos - o software IRaMuTeQ - para analisar as palavras frequentes nos títulos das matérias de 2004 e 2015, vemos como as manchetes mudaram pouco. De fato, o fenômeno das mortes por causas externas (que inclui mortes por acidentes e suicídios) e, muito especialmente, o da violência letal intencional (o fenômeno criminal do homicídio) no Brasil, tornou-se ao longo das últimas décadas um problema "brasileiro". Estacionamos no patamar altíssimo de 25 a 30 homicídios por 100 mil habitantes há quase duas décadas, com as atuais 60 mil mortes notificadas por ano, aproximadamente. As respostas brasileiras a esta tragédia têm sido ineficientes e descoordenadas. O fenômeno é resultante de dinâmicas distintas, porém complementares (cultura de resolução violenta de conflitos, crime organizado, violência policial institucionalizada, grupos de extermínio, pistolagem, etc.). O país tarda em criar campanhas de mobilização e combina-las a ações de prevenção e repressão, como fizemos com temas complexos como a *Aids*.

Enquanto isso os jornais imprimem minúscula parte dos dramas e tragédias de milhares de famílias, escolhendo publicar alguns dos casos que lhes chegam pela polícia, pelos

leitores e pelas redes sociais. Casos que se tornaram dignos de impressão por fatores variados: pelo local em que ocorreram, pelas circunstâncias, pelo enredo social, econômico ou afetivo. Mas, na imensa maioria das vezes, histórias cuja notícia provavelmente não produzem repercussões ou efeitos em políticas públicas ou alteram a vida ou a compreensão dos leitores. Quase sempre histórias sem acompanhamento no dia seguinte.

A escolha por publicar muito sobre histórias que resultaram em violência letal intencional nos parece, de todo modo, mais positiva do que omitir esses dramas ou priorizar os crimes contra o patrimônio. Em confrontos com policiais em áreas de periferia, por exemplo, a imprensa, impulsionada pelo debate nas redes sociais, tem sido essencial para amplificar o questionamento sobre políticas de segurança e demandar dos responsáveis uma reflexão sobre a conduta das forças de segurança. Possivelmente, quando a sociedade estiver pronta para deslanchar campanhas e política para reduzir o fenômeno, os jornais que mais publicam sobre o assunto serão potencialmente os mais interessados.

Figura 2 - Nuvem de palavras usadas nos títulos em 2004

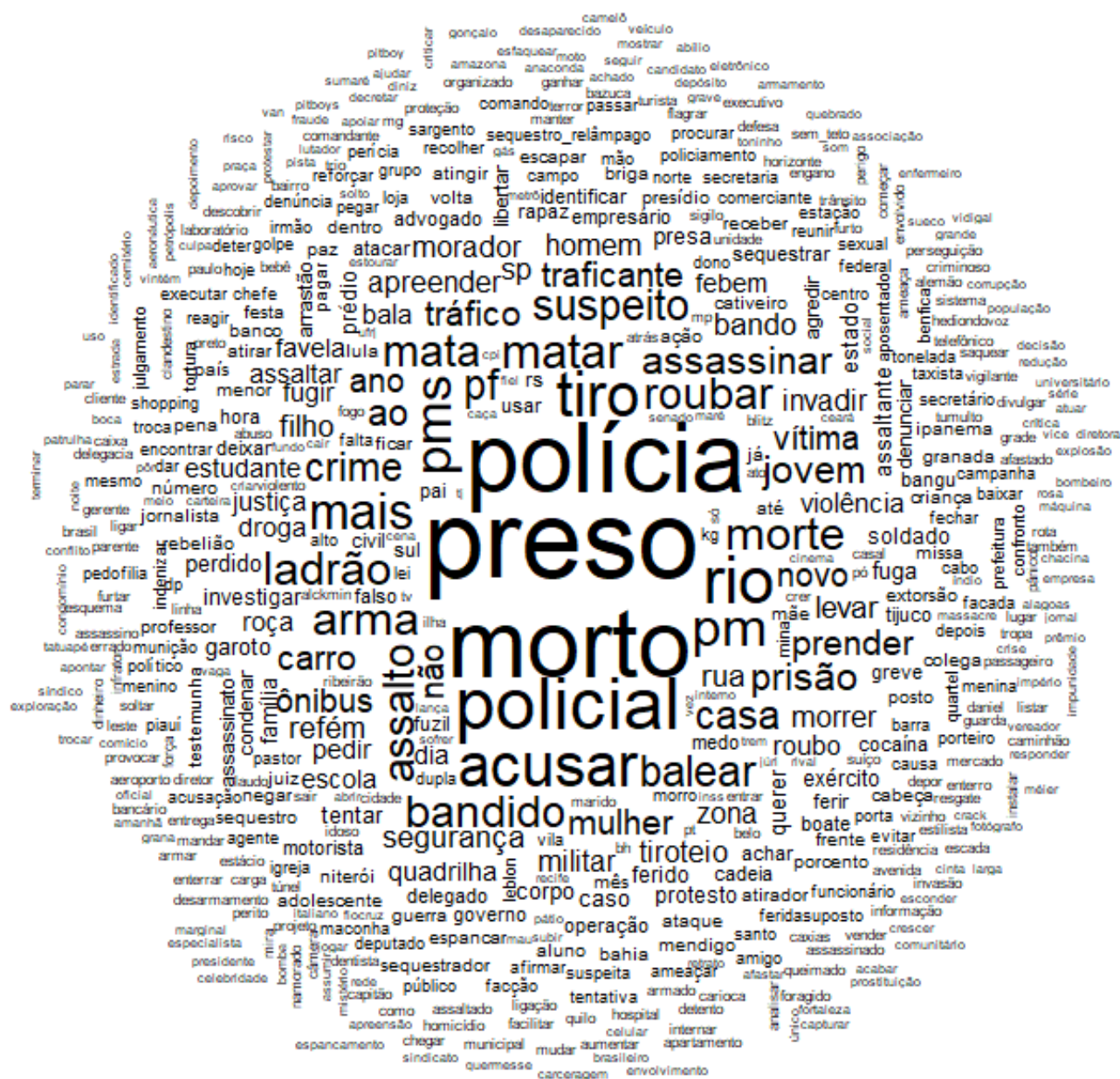
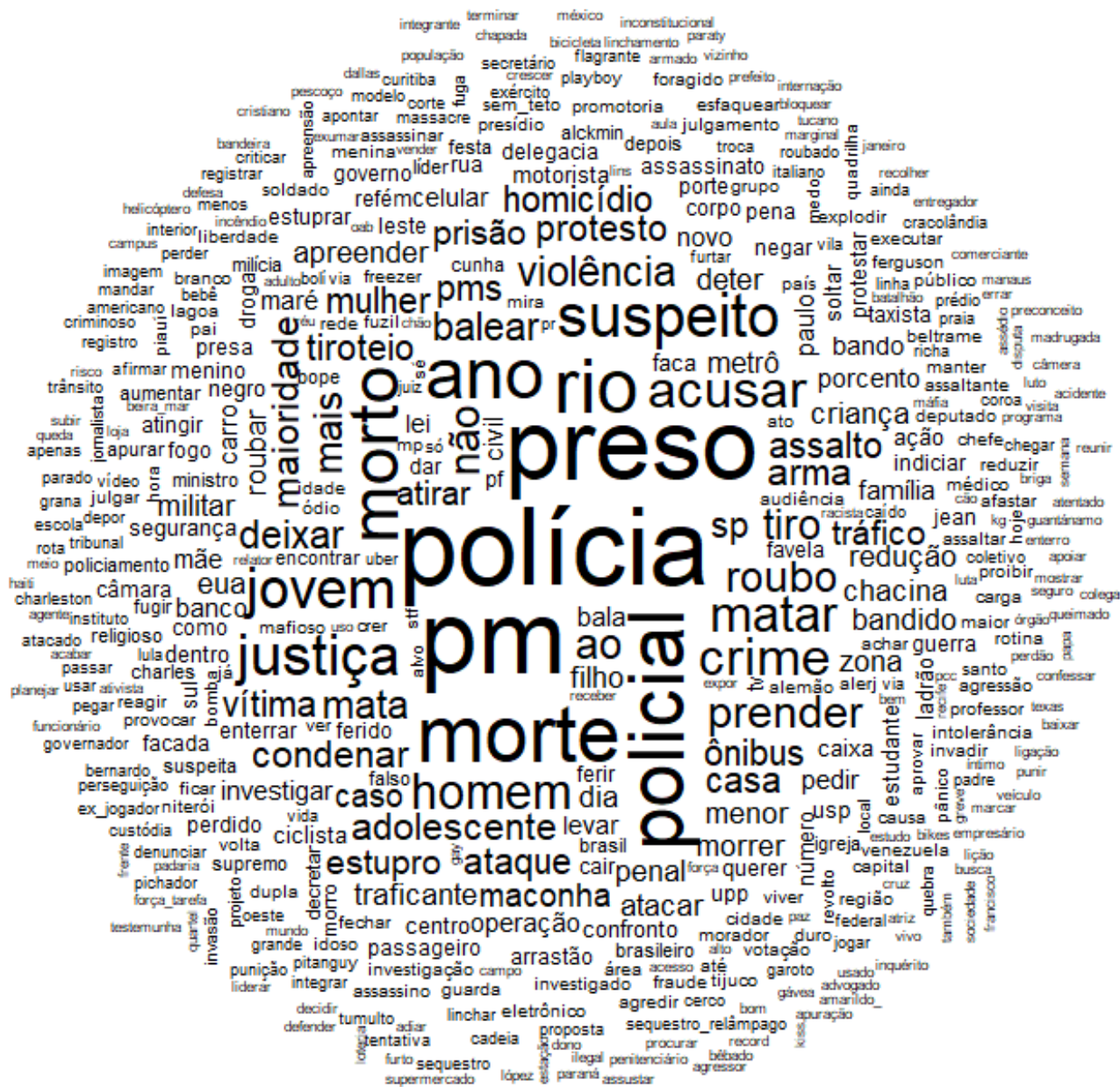





Figura 3 - Nuvem de palavras usadas nos títulos em 2015





 Rua da Assembléia, 10 - Sala 810
Rio de Janeiro, RJ

 +55 (21) 2531-2033 | 2232-0007

 cesec@candidomendes.edu.br
ascom@ucamcesec.com.br

www.ucamcesec.com.br